

# PAUL KLEE

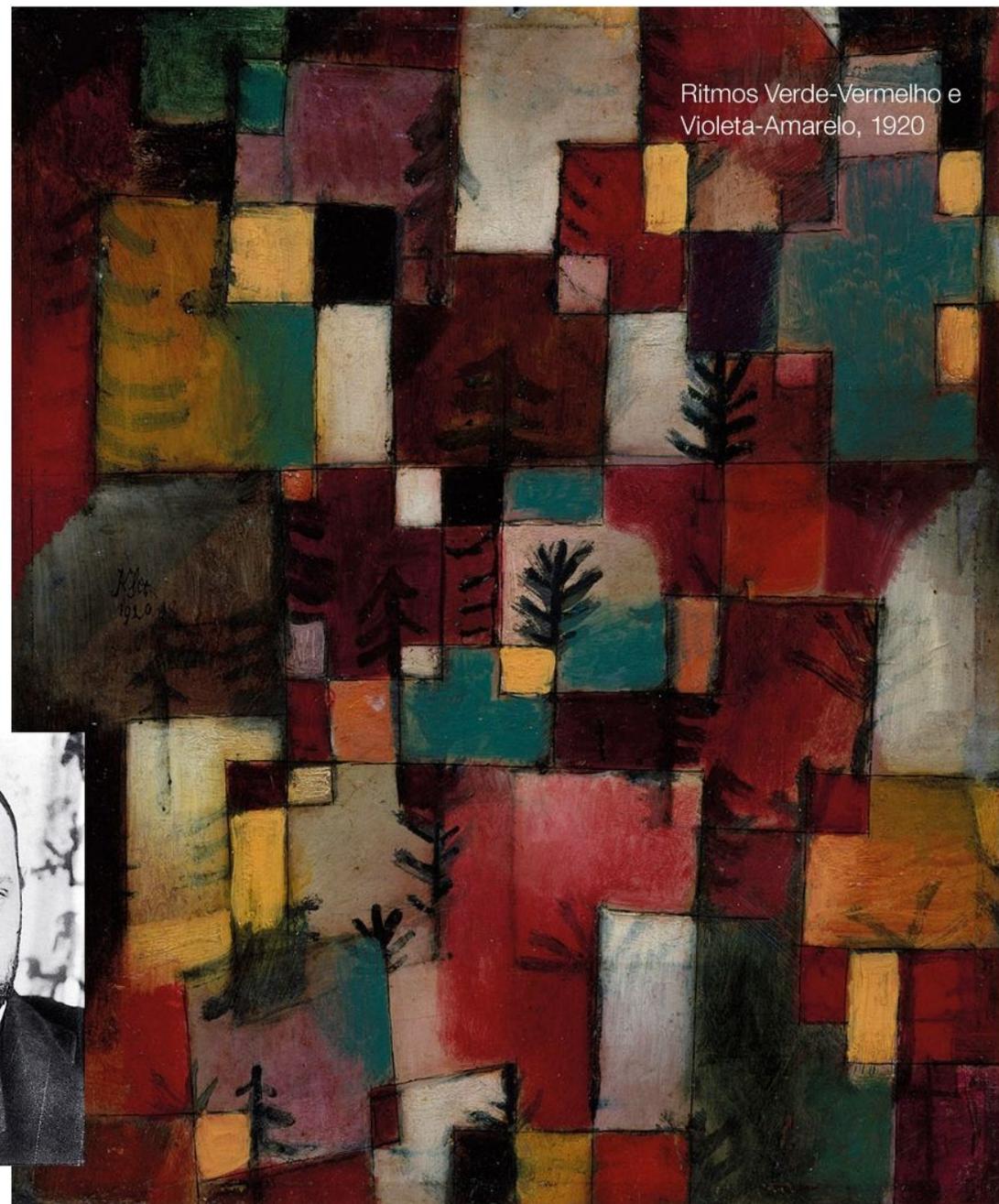
POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Paul Klee é um dos mais criativos e inovadores artistas do século XX . Inteligente, mágico, inventivo, suas requintadas pinturas não podem ser classificadas com facilidade. Ele é uma figura primordial no modernismo europeu, e possui um estilo muito individual com características cubistas, surrealistas, simbolistas e expressionistas; tem obras figurativas, abstratas e semi-abstratas e encontrou inspiração na natureza sem nunca pintar uma natureza realista. Era exímio na pintura a óleo e na aquarela e chegou a combinar ambas em algumas obras. Klee nasceu na Alemanha em uma cidade próxima a Berna (Suíça), onde foi criado. O pai era organista e professor de música e a mãe exímia pianista. Paul, nascido em 1879, teve uma infância dominada pela música e, incentivado pela mãe, tornou-se violinista. Ao longo de sua vida a música, principalmente a de Mozart, foi fonte de prazer e inspiração. Mas desde menino quis ser pintor. Foi um caso raro de precocidade; os desenhos e aquarelas que fez quando criança já revelavam força e originalidade.



Paul Klee, 1911

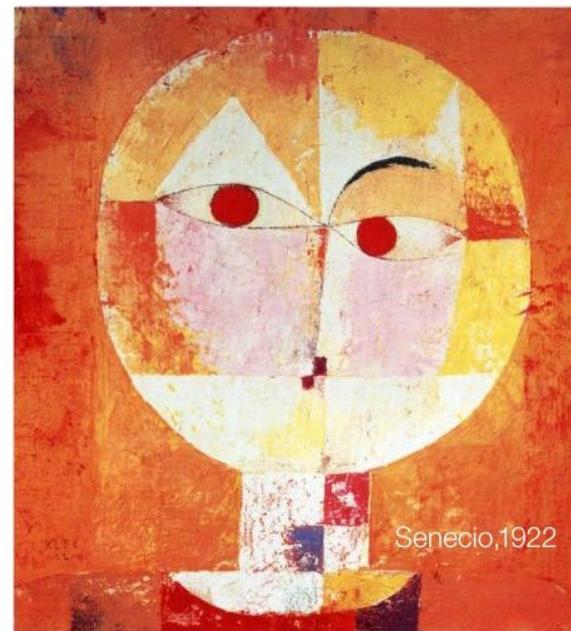


Ritmos Verde-Vermelho e  
Violeta-Amarelo, 1920



Aventuras de uma  
Senhora Jovem, 1922

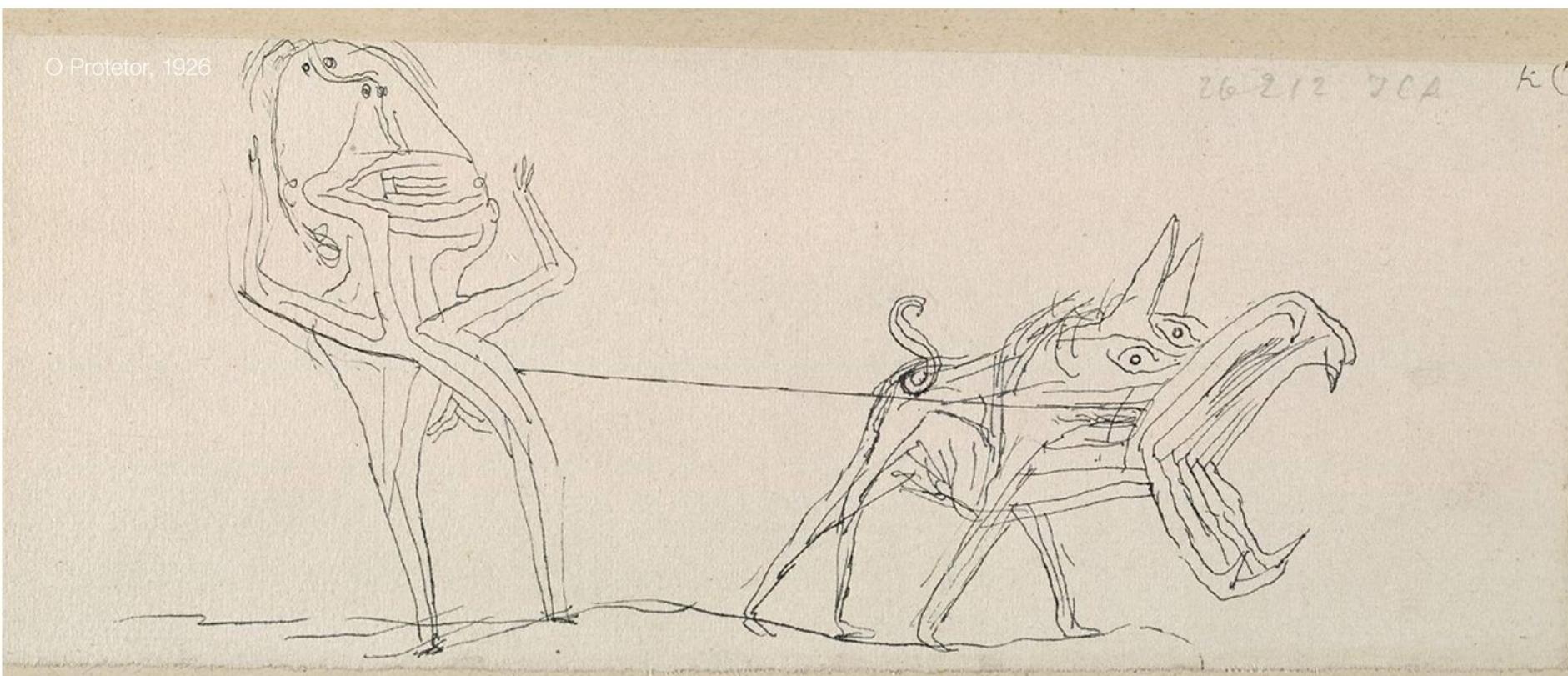
Aos 19 anos mudou-se para Munique para estudar pintura; a arte oficial de então era clássica e sombria, mas havia um grupo de artistas de vanguarda que representava a versão alemã da Art Nouveau e o atraía. De volta a Berna criou suas primeiras obras “maduras”: uma série de águas-fortes ou “invenções” representando personagens e animais bizarros bastante irônicos. Casou-se em 1906 com a pianista Lily Stumpf e mudou-se para Munique. Realizou sua primeira exposição, mas houve muito pouco interesse por suas obras. Neste período restringiu-se aos materiais e técnicas das artes gráficas; desenhos e gravuras em preto e branco, com estilo firme e linear. Em viagem à Italia em 1901 impressionou-se com a vivacidade das paisagens mediterrâneas e foi aos poucos se envolvendo com a cor. Na década seguinte as obras de Cézane, Matisse e Van Gogh exerceram grande impacto sobre ele.



Senecio, 1922

Em 1911 o artista conheceu o grupo Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul), que incluía Wassily Kandinsky e Franz Marc. O grupo pregava o uso expressivo da cor, inspirando-se na música de vanguarda, e dava ênfase ao misticismo e à arte primitiva. Ele se identificou com o grupo e sentiu-se encorajado a continuar com seu interesse por arte infantil, explorando um mundo de fantasia e imaginação.

Paul Klee teve contato com o cubismo e a arte abstrata em 1912 quando foi a Paris. Nesta época também se interessava pelo uso da cor como um elemento independente na pintura, sem necessidade de descrever coisas. Em viagem à Tunísia em 1914 as cúpulas, palmeiras, minaretes e vestimentas exóticas provocaram nele o sentimento de que ele e sua arte estavam transformados: “A cor me possui. Não preciso mais procurá-la. A cor e eu somos um. Sou um pintor.”



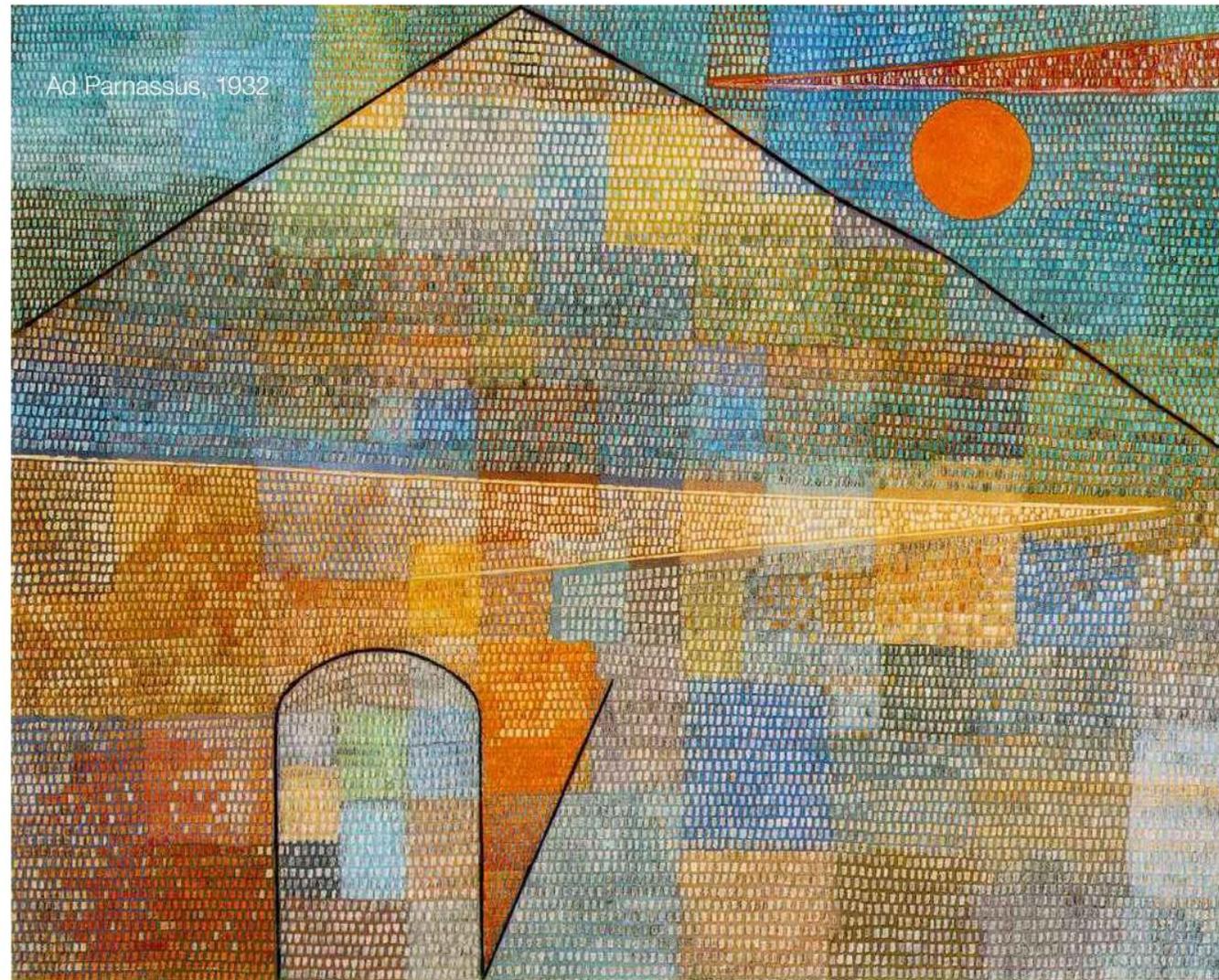


Resort no sul da  
França, 1927

Este período foi caracterizado por um estudo paciente e profundo da graduação e difusão dos tons de luz, que ele fazia unindo metodologia científica à intuição. Klee foi um mestre da cor, utilizava-a não apenas para representar a realidade, mas como um veículo em si, visando despertar uma resposta espiritual. Comparava a cor à música.

Em 1920 foi convidado a se juntar à Bauhaus, escola experimental cujo estilo influenciou o desenvolvimento posterior da arte, arquitetura, design gráfico, design de interiores, design industrial e tipografia. A escola notabilizou-se pela liberdade e inovação de seu ensino; os alunos eram estimulados a pensar e criar fora dos padrões acadêmicos dominantes. A contribuição de Klee foi muito importante. Ele desenvolveu técnicas pedagógicas em que guiava os estudantes por uma “aventura de ver”, um exercício para pensar a arte moderna. Deixou vários textos impressos, entre eles “Caderno de Esboços Pedagógicos”, que se tornou um importante manual para o ensino da arte.

Enquanto trabalhava na Bauhaus sua reputação continuou a crescer; exposições de suas obras eram realizadas em toda Alemanha e no exterior. Visitou o Egito em 1928 e foi muito impactado pelos aspectos da antiga civilização do país, especialmente os hieróglifos, a escultura e a arquitetura. Em seguida elaborou uma série de quadros com temas egípcios. No começo dos anos 1930 a crise econômica e a ascensão do nazismo criaram um clima hostil para a Bauhaus que, devido à “perseguição aos comunistas”, foi obrigada a fechar definitivamente em 1933. Neste ano Klee teve de deixar a Alemanha para sempre. Voltou para a Suíça, fixou-se em Berna e dedicou-se ao trabalho. Viajou à França e Itália, realizou grande exposição retrospectiva e tornou-se uma espécie de celebridade. Na célebre exposição de Arte Degenerada, promovida em 1937 pelos nazistas, dezessete pinturas suas foram mostradas ao lado das principais figuras da vanguarda alemã. Neste mesmo ano teve início uma doença progressivamente debilitante que terminaria por matá-lo. Apesar das dificuldades ele continuou a pintar, mas seu trabalho passou a refletir pessimismo, advindo da consciência da morte. Os títulos de suas últimas obras, como “Morte e Fogo”, mostram seu estado de ânimo.

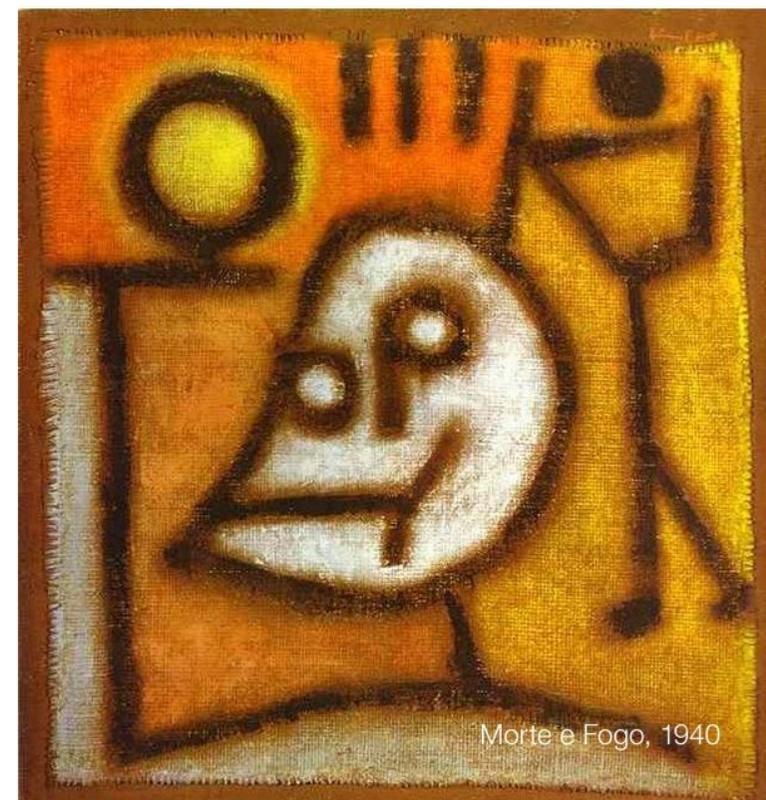




Incendio na Lua Cheia, 1933

Apesar de o artista ver sua arte como um processo de criatividade espontânea e crescimento natural, como explicita em sua frase “desenhar é levar uma linha a passear”, ele trabalhava com grande rigor. Em toda pintura ou desenho seu método de trabalho era praticamente o mesmo: começava com uma figura abstrata – quadrado, triângulo, círculo, linha ou ponto – e permitia a esta figura que se desenvolvesse, crescesse, quase como um organismo vivo. Seu controle sobre todas as técnicas que usava era sempre magistral. A Tate Modern de Londres, uma das maiores instituições dedicadas à arte contemporânea no mundo, está realizando uma mega exposição do trabalho do artista, mostrando-o sobre nova luz. **“Paul Klee: Tornar visível!”** reúne pinturas, desenhos e aquarelas de coleções ao redor do mundo, expostas uma ao lado da outra na sequência em que o artista originalmente as criou.

A exposição ocupa 17 salas, iniciando em 1912, o ano em que ele foi a Paris pela primeira vez e conheceu o cubismo, até 1940, quando morreu aos 60 anos. São 130 obras que mostram o talento, a perícia e a diversidade de seu trabalho. A exposição permanecerá até 9 de março de 2014.



Morte e Fogo, 1940